

Banco Central deverá criar mecanismos para acelerar próximos pregões

por Maria Christina Carvalho
do Rio

O Banco Central (BC) vai entrar em contato com as bolsas de valores para estudar mecanismos que acelerem os próximos leilões de conversão da dívida externa em investimento de risco. A afirmação foi feita pelo diretor da Área Externa do BC, Arnim Lore, ontem, logo após o encerramento do primeiro leilão de deságio para a conversão da dívida externa em capital de risco, realizado na Bolsa de Valores do Rio, que durou pouco mais de três horas.

Uma das medidas que podem ser adotadas, adiantou, seria a fixação de um patamar mínimo de deságio, mas que foi evitado nesse primeiro leilão estimar o interesse que despertaria.

Lore ficou satisfeito com o resultado do leilão, que reduziu a dívida externa brasileira em US\$ 186,519 milhões brutos, que correspondem aos US\$ 75 milhões líquidos arrematados com deságio de 10,5% para as áreas incentivadas (Norte, Nordeste, Vale do Jequitinhonha e Espírito Santo) e aos US\$ 75 milhões líquidos das áreas livres (US\$ 73 milhões com deságio de 27% e US\$ 2 milhões, a 26,5%). "Como esperávamos, foi grande a quantidade de participantes", disse Lore.

Em vista do interesse despertado, Lore admitiu a possibilidade de ampliar o volume líquido de recursos oferecidos. Olímpio Ferreira de Almeida, chefe do Departamento de Fiscalização e Registro de Capitais Estrangeiros (Firce) do BC, lembrou porém que um aumento nos volumes leiloados depende da programação monetária do governo para que não haja problemas com a expansão da moeda.

Acrescentou ainda que, se for ampliada a oferta para as áreas livres, a das áreas incentivadas terá de crescer na mesma proporção, de acordo com as normas atuais.

Logo após o leilão, Lore não sabia se seria necessário atender à reivindicação das bolsas de valores para reservar uma parcela das divisas leiloadas aos fundos de conversão. O diretor do BC preferiu pronunciar-se a respeito hoje, quando serão divulgados os nomes dos investidores que fizeram a conversão e onde os recursos serão aplicados.

Eduardo da Rocha Azevedo, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), presente ao leilão, voltou a reforçar o pedido, alegando que o dinheiro dos fundos é que irá beneficiar as pequenas e médias empresas. Por outro lado, criticou a reserva de metade do leilão às áreas incentivadas.

Os dois maiores conglomerados bancários do País, o Bradesco e o Itaú, participaram do primeiro leilão de conversão da dívida apenas como observadores.

Alcides Tapias, vice-presidente do Bradesco, disse que, após essa primeira experiência, será possível conversar concretamente com os credores estrangeiros. "Agora temos o deságio real que o mercado está disposto a pagar. E vamos ver se os credores aceitam". O Bradesco pretende participar do próximo leilão, que será realizado em São Paulo, em data a ser marcada.

O Itaú, que possui um fundo de conversão aprovado, com capital registrado de US\$ 150 milhões, também não entrou no primeiro leilão. "Nosso fundo começa a ser colocado lá fora e não completamos a captação", afirmou Jan Jarne, diretor do Itaú. Ele explicou que o fundo terá as cotas divididas entre diversos credores, e somente ponderando-se o preço de captação — os diferentes deságios pagos pelo investidor estrangeiro ao adquirir os títulos da dívida brasileira no mercado secundário internacional — é que se poderá estabelecer o deságio aceitável e o valor da cota.